

# Carlos Drummond de Andrade – Carrego Comigo

Carrego comigo  
há dezenas de anos  
há centenas de anos  
o pequeno embrulho.

Serão duas cartas?  
será uma flor?  
será um retrato?  
um lenço talvez?

Já não me recordo  
onde o encontrei.  
Se foi um presente  
ou se foi furtado.

Se os anjos desceram  
trazendo-o nas mãos,  
se boiava no rio,  
se pairava no ar.

Não ousa entreabri-lo.  
Que coisa contém,  
ou se algo contém,  
nunca saberei.

Como poderia  
tentar esse gesto?  
O embrulho é tão frio  
e também tão quente.

Ele arde nas mãos,  
é doce ao meu tato.  
Pronto me fascina  
e me deixa triste.

Guardar um segredo  
em si e consigo,  
não querer sabê-lo  
ou querer demais.

Guardar um segredo  
de seus próprios olhos,  
por baixo do sono,  
atrás da lembrança.

A boca experiente  
saúda os amigos.  
Mão apertada mão,  
peito se dilata.

Vem do mar o apelo,  
vêm das coisas gritos.  
O mundo te chama:  
Carlos! Não respondes?

Quero responder.  
A rua infinita  
vai além do mar.  
Quero caminhar.

Mas o embrulho pesa.  
Vem a tentação  
de jogá-lo ao fundo  
da primeira vala.

Ou talvez queimá-lo:  
cinzas se dispersam  
e não fica sombra  
sequer, nem remorso.

Ai, fardo sutil  
que antes me carregas  
do que és carregado,  
para onde me levas?

Por que não me dizes  
a palavra dura  
oculta em teu seio,  
carga intolerável?

Seguir-te submisso  
por tanto caminho  
sem saber de ti  
senão que te sigo.

Se agora te abrisses  
e te revelasses  
mesmo em forma de erro,  
que alívio seria!

Mas ficas fechado.  
Carrego-te à noite  
se vou para o baile.  
De manhã te levo

para a escura fábrica  
de negro subúrbio.  
És, de fato, amigo  
secreto e evidente.

Perder-te seria  
perder-me a mim próprio.  
Sou um homem livre  
nas levo uma coisa.

Não sei o que seja.  
Eu não a escolhi.  
Jamais a fitei.  
Mas levo uma coisa.

Não estou vazio,  
não estou sozinho,  
pois anda comigo  
algo indescritível.

**Carlos Drummond de Andrade, Rosa do Povo**